

DANDO CORPO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SILVA, Renata Ferreira da¹⁹⁰
Universidade Federal de Santa Catarina-Brasil
ferreirare@hotmail.com
Apoio: Capes

Resumo

Pensar com imagens. Debater problemas sociais sem o uso da palavra. É possível fazer acontecer uma aprendizagem significativa a partir da comunicação corporal? Um grupo de quarenta professoras em nível de pós-graduação foi convidado a conhecer a poética do teatro do oprimido do teatrólogo brasileiro Augusto Boal e o potencial do teatro como linguagem e discurso na escola. Qual a pertinência do teatro, da educação estética como parte da formação básica para o professor na América Latina? Este artigo provoca superar a obliteração dos sentidos e a atrofia de outras formas de percepção (Boal, 2005) e uma comunicação estritamente dada pela palavra na formação básica do professor. Faz um convite: como desenvolver outras formas sensitivas na formação dos professores?

Palavras-chave: Formação de professores. Teatro. Comunicação.

Torná-lo conhecido

...mais uma vez fiquei surpresa com a aula, comuniquei o tempo todo e de uma maneira que nem eu mesma sabia, através do meu corpo, da expressão corporal, do teatro, mas não aquele teatro em que estamos acostumadas a fazer desde a pré-escola, um teatro onde quem comunica é o corpo...

Joelhos¹⁹¹

¹⁹⁰ Mestre em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) PPGE – UFSC. Este texto é parte da pesquisa intitulada (In) vento: performance e experiência escrita sob orientação de Wladimir Antonio Garcia da Costa. E-mail: a-ciclista@hotmail.com

¹⁹¹ Os trechos referem-se a estes escritos acerca dos encontros na disciplina de Linguagens Artísticas: corporal, plásticas e música num curso de pós-graduação — Latu Senu — em nível de especialização em Educação Infantil, Séries iniciais e Gestão, no período de julho a agosto de 2009 ministrada por mim. Os nomes dos participantes foram reinventados aqui como partes do corpo.

Desejava conversar “corpo a corpo”. Interesse profundo em querer descobrir o mundo (na escola) sem falá-lo. Pedi ajuda para quem (como eu) gostava de especular sobre suas próprias práticas: Augusto Pinto Boal. Diretor, autor, teórico e criador do teatro do oprimido — metodologia internacionalmente conhecida que alia teatro à ação social.

Assustava-me a ideia de um método (ao mesmo tempo em que me interessava) e de uma visão dialética de mundo (que não me interessava).

A disciplina de Linguagens Artísticas: corporal, plásticas e música ministrada por mim num curso de pós-graduação — *Latu Sensu* — em nível de especialização em Educação Infantil, Séries iniciais e Gestão, no período de julho a agosto de 2009 foi a oportunidade para pensar tais questões junto às educadoras.

...Hoje nos comunicamos de uma forma diferente dentro da sala de aula, com a devida orientação da professora. Fizemos uma corrida em câmera lenta onde o objetivo era chegar por último sem poder parar nem por um segundo, foi muito divertido. Depois fizemos uma luta em câmera lenta, em duplas, uma pessoa da dupla dava um golpe na colega e a colega teria que reagir também em câmera lenta (cada ação uma reação)...

Pés

Deparei-me com uma profunda complementação metodológica entre Boal e algum Paulo Freire.

Algum Paulo Freire (1983) alerta-nos para o cuidado e o respeito ao interagir numa comunidade: partir do seu contexto, seus próprios temas, valores e costumes. Transforma a relação de poder tradicionalmente existente entre professor e aluno para uma prática de diálogo pautado no amor. Boal (1977) dedica-se mais a explorar os recursos da linguagem cênica dentro destes mesmos princípios. Desenvolve seus pressupostos na práxis. Está preocupado em transformar o mundo e amadurece a cada nova investigação os meios cênicos para esta transformação. “(...) Ensinar o público a criar, a fazer arte, para que possamos usar esta arte, que é de todos, em conjunto” (BOAL, 1977, p. 43).

E eu?

(...)

Boal desenvolveu uma série de técnicas para ajudar os participantes a pensar com imagens, a debater um problema sem o uso da palavra. Um dos conceitos-chave de suas especulações é que a imagem é real enquanto imagem, ou seja, trabalhar a realidade contida na imagem criada e não com a imagem da realidade (BOAL, 1999, p. 233).

Conhecer e transformar — esse é o nosso objetivo. Para transformar, é preciso conhecer, e o ato de conhecer, em si mesmo, já é uma transformação. Uma transformação preliminar que nos dá meios de realizar a outra. Primeiro ensaiamos um ato de libertação, para, em seguida, extrapolá-lo na vida real (...) esse ensaio já é uma transformação. (BOAL, 1999, p. 268).

É impossível fazer teatro sem o corpo humano nesta concepção. Deparo-me aqui com a necessidade de conhecer o corpo e, por meio dele, conhecer as opressões do mundo para transformá-las. Nesta concepção, a característica arcaica do teatro presente seria a capacidade dos seres humanos observarem a si mesmos em ação.

Ver no ato de ver.

Pensar suas emoções.

Emocionar-se com seus pensamentos.

Ver aqui e imaginar amanhã.

Mas como é que se conhece o corpo?

Parece-me que os exercícios propostos são destinados a desfazer.

Explico-me:

Começar pelo próprio corpo das pessoas interessadas em participar da experiência. Proporcionar exercícios para que os participantes se tornem cada vez mais conscientes de seu corpo.

...No início achei estranho, mas no decorrer do processo fui me envolvendo, comecei a interagir, a fazer os movimentos como da corrida em câmera lenta, é a partir desses movimentos que você passa a conhecer as limitações do seu corpo, como é difícil

realizar algo que não faz parte de sua prática, no início requer uma adaptação, e estar pronta a experimentar algo novo...

Nádegas

Desmontá-lo.

Verificá-lo.

Analisá-lo.

Conscientizá-lo.

... A aula de hoje foi bem legal, pois nos movimentamos bastante, ninguém ficou parado...

Pulmões

Se uma pessoa é capaz de desmontar suas próprias estruturas musculares será capaz de montar outras e desmecanizar sua máscara muscular e de comportamento social?

Torná-lo expressivo

...comuniquei hoje meu corpo, através da expressão, do que posso representar para expressar minhas ideias, meus sentimentos, minhas emoções e frustrações. O corpo é algo mágico, pois ele através de sua força consegue modificar, criar ambientes, situações de agrado e desagrado às pessoas...

Joelhos

Aqui o interesse é jogar e não necessariamente acertar, mas se expressar fisicamente sem o uso da palavra, ou seja, falar com o corpo. É Boal (2008) quem afirma que a palavra, a maior invenção do ser humano, traz a obliteração dos sentidos, a atrofia de outras formas de percepção. Que é preciso dispensar o uso da palavra para desenvolver outras formas sensitivas (BOAL, 2008, p. 18).

...a professora realizou uma técnica onde todos receberam um papel com o nome de algum animal e todos tiveram que imitar o animal para achar o seu par. Nesta técnica não pode se usar sons muito óbvios (linguagem corporal) (...) Também brincamos de hipnotismo, onde uma pessoa colocava a mão mais ou menos dois ou três palmos na

frente do nosso rosto e nos guiava sem afastar mais e nem menos...

Braços

Tirar quarenta cadeiras de uma sala de aula. Pedir ao grupo que venha com roupas confortáveis. Propor jogos. A preparação para meus encontros gerava estranhamento para as professoras assim como minhas aulas. Eu as estranhava também. Pouca alegria e disposição. Medo. Receio. Inércia. Que coisa estranha elas acharem tão estranho se movimentar. Sentia saudades das salas prontas e sem cadeira dos cursos de artes cênicas que convidavam e não amedrontavam. Senti-me estrangeira. Percebia que o ato de tirar as cadeiras da sala, tirar as coisas do lugar era por si performático. As professoras iam chegando e tomando sustos. Ficam deslocadas, pois, automaticamente, sentavam e colocavam suas bolsas na cadeira ao lado. Pareciam ter uma expectativa por exibição de slides como metodologia para as aulas. Estava assumindo um grande risco já que começava as aulas com jogos que não traziam de antemão uma explicação. Só depois que vivemos as etapas propostas por Boal, textos apareceram. Para Boal, para tornar nossos pensamentos imagens corporais, é preciso passar por algumas etapas já que não temos o conhecimento do nosso corpo, de sua capacidade de comunicação.

*... participar do jogo em que a professora sorteou um animal e que cada pessoa deveria representar com movimento o bicho que pegou foi difícil pra mim. Eu não consegui representar os movimentos que um polvo faz, e muito menos achar o par do polvo. (...)
Nesse jogo percebi as limitações do meu corpo, o qual precisa desenvolver mais essa habilidade, procurar me expressar mais...*

Abdômen

Mas a coisa acontecia diante de mim. Movimento. Risos. E uma inquietação por sentidos. Eu estava até então de braços dados com Boal (2008). Jogos para conhecer e expressar para, por fim, poder comunicar e agir neste contexto ficcional a partir de situações-problemas que surgissem do próprio grupo. Só escolhi não explicar nada. Fazer acontecer para, depois, a partir das sensações, puxar alguns fios conceituais e

pensar com elas a possibilidade de trabalhar em sala de aula os mais diversos conteúdos dando forma a eles.

É possível conhecer assim?

...a partir da aula de hoje tive a oportunidade de entender algo a mais sobre o corpo, as experiências vivenciadas em sala utilizaram o corpo como forma de expressão, expressar o que sentimos, fazemos ou queremos que aconteça no decorrer da vida...

Cabelos

Torná-lo linguagem

...A aula de hoje foi muito boa, pois fizemos bastantes movimentos, não tinha como ninguém ficar parado. Nos expressamos através de nossos corpos, trabalhamos com gestos, poses, corremos rápido, em câmera lenta, ficamos como estátua para transmitir nossos pensamentos e dificuldades sociais...

Nariz

Boal (2008) considera o teatro como linguagem apta para ser realizada por qualquer pessoa que tenha ou não atitudes artísticas. O principal objetivo da poética do oprimido é transformar o povo, “espectador”, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, ator, em transformador da ação dramática. Aqui não há interesse na catarse aristotélica, nem na conscientização de Brecht. O interesse é pela ação — não importa que seja fictícia — é ação.

Boal (2008) quer transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo utilize a sua maneira e para os seus fins. No caso do teatro, o meio de produção é o corpo humano.

...é impressionante como descobrimos que temos o potencial de unir o real e o imaginário através do corpo...

Olhos

Aqui a proposta é fazer com que o espectador se disponha a intervir na ação, abandonando sua condição de objeto e assumindo plenamente o papel de sujeito. Os espectadores sentem que podem intervir na ação. A ação deixa de ser representada deterministicamente, como uma fatalidade, como um destino. Tudo é transformável e tudo se pode transformar no mesmo instante. O ator não modifica sua função principal, continua sendo intérprete. O que se modifica é a quem tem que interpretar.

É possível tornar visível o pensamento?

Ora, simplesmente não diga o que pensa, venha e mostre!

Aqui não se impõe nenhuma ideia, o público (o povo) tem a oportunidade de experimentar todas as suas ideias, de ensaiar todas as possibilidades e de verificá-las na prática teatral. Essa forma teatral não tem a finalidade de mostrar o caminho correto, mas sim a de oferecer os meios para que todos os caminhos sejam estudados. As cenas que apareciam eram situações ligadas à falta de reajuste salarial, problemas com o saneamento básico, as enchentes que aconteceram no município, a dificuldade de dar conta do trabalho da casa e da escola, a falta de parceria dos maridos nas tarefas domésticas.

...Em seguida a professora pediu para fazer grupos de seis pessoas para representarmos uma opressão e os demais grupos tiveram que interpretar a opressão que estávamos apresentando. Esta representação era feita pelo grupo, onde uma das pessoas do grupo era a escultora e outras as estátuas que eram esculpidas pelas escultoras. Foi muito legal...

Pés

Em uma das cenas esculpida, a mulher fazia comida e cuidava da criança enquanto o marido assistia à televisão. Todas ficaram muito agitadas para transformar a cena e a primeira de muitas mudanças foi colocar a mulher vendo televisão e o marido fazendo a comida. Novamente, muitos debates, até que alguém colocou o marido preparando o jantar enquanto a mulher atendia à criança. A televisão parecia estar ligada, mas ninguém estava assistindo. O grupo gostou da cena ideal. A questão seguinte foi: como chegar a esta cena? Muitas cenas se desenharam. Conversa com o marido, desligar a televisão, deixar a criança chorando para o marido tomar providência.

Não, não, não. Discordavam em seguida. Sentia que muitas professoras experimentavam o mesmo desafio em casa e me perguntava se ao chegarem em casa iriam atuar de uma outra forma antes de fazerem as usuais tarefas domésticas...

Boal (2008) assume o teatro como ensaio para transformações sociais. O espectador-ator pratica um ato real, mesmo que o faça na ficção de uma cena teatral. Dentro dos seus termos fictícios, a experiência é concreta. Em vez de tirar algo do espectador, infunde o desejo de praticar na realidade o ato ensaiado. Cria uma insatisfação e um desejo de ação real (BOAL, 2008, p. 215). O real volta na cena do simbólico.

De alguma forma essa metodologia me entusiasmava por ver o que acontecia na sala. Os sustos, o trabalho corporal, os debates, as imagens que surgiam, os risos, as entregas e resistências. Mas alguma outra forma sentia-me presa à bipolaridade oprimidos e opressores, a ter este tema de transformação social sempre como ponto de partida.

Ai.

Já estou escorregando...

Já estou me sentindo presa a um método... Não partilho dos mesmos princípios de Augusto Boal. Não traduzo o mundo em termos de oprimidos e opressores... Interessa-me pensar no teatro como linguagem para conhecer. Pode-se usar os corpos, os movimentos para conhecer sem fazer uso dos pressupostos de transformação social?

Estranho.

E agora?

Trago aqui outros respingos ainda frescos das sensações de minhas reflexões junto aos pequenos, os mesmos que convidei para dançar nas páginas anteriores por meio da necessidade da forma, e que também foram convidados para uma conversa corpo a corpo¹⁹².

¹⁹² Experiências vividas com um grupo de vinte e uma crianças com idades entre nove e dez anos, na escola municipal João Francisco Garcez, na comunidade do Canto da Lagoa, em Florianópolis, no ano de 2005. Somaram-se doze encontros.

No entanto, ainda que tenha me inspirado em Boal (2008), descobri que a próxima estratégia a ser descrita, *fotos-resposta*, em princípio, não existe nos textos de Augusto Boal.

Começava a partir (d)ele.

Cada grupo de cinco crianças recebeu uma pergunta e deveria respondê-la por meio de uma foto feita com a participação de todos os integrantes utilizando o corpo no espaço, ou seja, criando uma imagem que comunicasse uma resposta. As perguntas foram formuladas por mim, a partir de observações do cotidiano escolar, procurando evidenciar o universo no qual as crianças viviam e percebiam suas relações interpessoais na escola.

Quais atividades fazemos em conjunto com os amigos da escola?

Quais os espaços da escola que desfrutamos com os amigos?

Quais objetos utilizamos na escola?

Quais pessoas frequentam a escola?

Como eu gosto de ser tratado pelas pessoas que frequentam a escola?

Em outro encontro, os grupos montaram novas fotos-resposta, desta vez criando uma foto antes e outra depois a partir dos seguintes questionamentos: qual a foto que aconteceu antes desta foto apresentada? E qual a foto que aconteceu depois?

Quando apresentaram, solicitou-se que executassem as mudanças quando ouvissem a batida de palmas. Assim, quadro a quadro, o grupo criava formas com atenção aos seus movimentos.

Numa etapa seguinte, disse que minha máquina fotográfica havia sido transformada numa câmera. Eles, agora, necessitavam apresentar as fotos em sequência, ou seja, uma pequena cena. Assim, focalizava o encontro, ora filmando em câmera lenta, ora batendo fotos através do som do meu próprio bater de palmas.

Estava tentando conversar sobre as relações interpessoais na escola sem usar a fala.

Mas... Eu sentia um excesso de controle... O que era a experiência? Era singular ou plural? Representar ou “presentar” para conhecer?

Torná-lo discurso

O trabalho com o material originado nas improvisações a partir destes segmentos foram releituras das técnicas do Teatro-Fórum de Augusto Boal (1999), trabalhadas em três momentos diferentes.

O Teatro-Fórum é parte das técnicas do Teatro do Oprimido desenvolvido por Boal (1977). Todas as técnicas buscam os caminhos da libertação do ser humano. Nesta técnica específica, uma história de opressão é apresentada cenicamente e paralisada no momento em que o oprimido ainda pode optar por outra solução, outra atitude que não permita que a história avance para o mesmo final. A cena é usada como treinamento da ação real — propósito este de todas as formas do teatro do oprimido. Toda a plateia pode pedir que a cena “pare”, sugerir mudanças de atitudes e/ou assumir cenicamente o lugar de uma das personagens para transformar a situação. Nesta técnica temos a presença de um mestre de cerimônias do espetáculo, que explica as regras do jogo, encoraja uns e outros a interromperem a cena e intervir, denominado *Curinga*. Nesta prática, assumi a função de curinga procurando especialmente estar atenta às “soluções mágicas” apresentadas, interrogando as crianças se tal atitude realmente poderia acontecer no cotidiano. As crianças davam suas soluções, tanto as que assistiam, como as que atuavam e, estas últimas, apresentavam as sugestões cenicamente.

No primeiro momento de trabalho, as improvisações eram analisadas de duas formas: em relação ao fazer teatral (visualidade, audição, clareza, apresentação do conflito); e em relação à possibilidade de resolução do conflito apresentado.

Num segundo momento, eu assumia uma intervenção na cena. As personagens congelavam e eram interrogadas em relação aos sentimentos que experimentavam. Na sequência, realizavam novamente a cena com o sentimento ou atitude contrário ao experimentado anteriormente.

As cenas foram criadas pelas crianças a partir de improvisações. Misturavam-se aleatoriamente indicações de cenário (bebedouro, quadra de esportes), personagens

(crianças, professores, merendeira) e conflito (alguém quer brincar, mas as outras não deixam, um grupo de pessoas está numa fila e chega alguém empurrando e passa na frente). As crianças haviam criado essas categorias a partir das fotos-respostas. Eu as reorganizei numa espécie de jogo com círculos concêntricos como base para improvisações.

Os Círculos Concêntricos consistem em uma estrutura de papel, um pequeno jogo com “uma série de círculos concêntricos móveis, unidos por um pino central que permite associar de forma aleatória ou prescritiva opções contidas nas categorias que representam cada círculo” (CABRAL, B; DANBY, 1999). Cada círculo concêntrico é construído a partir de uma temática, que neste caso foram as relações humanas que experimentamos em nosso cotidiano, e, a partir das associações feitas, a mesma é improvisada pelo grupo. A combinação de seleções, uma de cada círculo, resulta em uma estrutura que orientará a atividade dramática.

Já no terceiro momento de trabalho, a cena congelava no seu conflito principal, todos debatiam soluções possíveis para outro final, que eram sempre desenvolvidas cenicamente.

O que me fascina mesmo é que estas experiências a gente sabe como começam e não como terminam. As crianças podiam tentar quaisquer soluções e meu papel era o de questionar. Partir do conhecido para o desconhecido. Desfrutar do corpo como linguagem nas aulas e assumir a ficção. Eu queria ir mais além e sair deste tom prescritivo, dialético. Ser mais leve. Como encontrar leveza na educação?

Referências Bibliográficas

CABRAL, Beatriz Biange ; DANBY, Mark. **Antropofagia através do Equador**. Paper apresentado no III IDEA Congresso, Kisumu/Quênia. Austrália, 1999. (inédito).

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1977.

_____. 8. ed. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.